

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR  
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA  
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 5

DOMINGO - 12 de Julho de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## SERÁ ESTE CRITÉRIO O MAIS RAZOÁVEL ?

PORQUE Vila Real de Santo António é o maior porto pesca-  
dor de biqueirão, algumas  
firmas de outros centros indus-  
triais que laboram este peixe  
têm requerido a transferência das  
suas instalações para a nossa  
terra. Nada de mais sensato;  
nada de mais razoável. A indús-  
tria procura aproximar-se ou si-  
tuar-se no local onde dispõe das  
fontes que a podem alimentar.

E tão sensato e normal isto é  
que no magnífico estudo acerca  
da indústria de conservas levado  
a cabo em 1931 pelo sr. Prof. Dr.  
Oliveira Salazar, então ministro  
das Finanças, se diz: «Como o  
peixe é a mais delicada das ma-  
térias primas empregadas e tem  
suas exigências na técnica da  
produção, é a pesca que determi-  
na a localização das fábricas.»  
E acrescenta-se: «E' tal o predo-  
mínio deste elemento que as fá-  
bricas chegam a deslocar-se, fe-  
chando aqui, abrindo além, se o  
peixe emigra ou deixa de haver  
abundância dele em certos locais.»

Posto isto — reconhecido ofi-  
cialmente que a indústria do pei-  
xe deve estar o mais próximo da  
matéria prima — não percebemos  
as razões em que se fundamentam  
as recusas de autorização de  
transferência de salgas e fileta-  
gens para Vila Real de Santo An-  
tónia. Note-se que não são indús-  
trias novas. São indústrias  
estabelecidas noutros centros on-  
de a matéria laborável é escassa  
ou rara e que para sobreviverem  
têm de se aproximar da fonte de  
abastecimento.

Não nos parece que o critério  
até agora observado seja o mais  
razoável — salvo se houver pos-  
sibilidades de demonstrar o con-  
trário.

E não é razoável porque sendo  
aqui o maior centro da pesca do

## Comandante

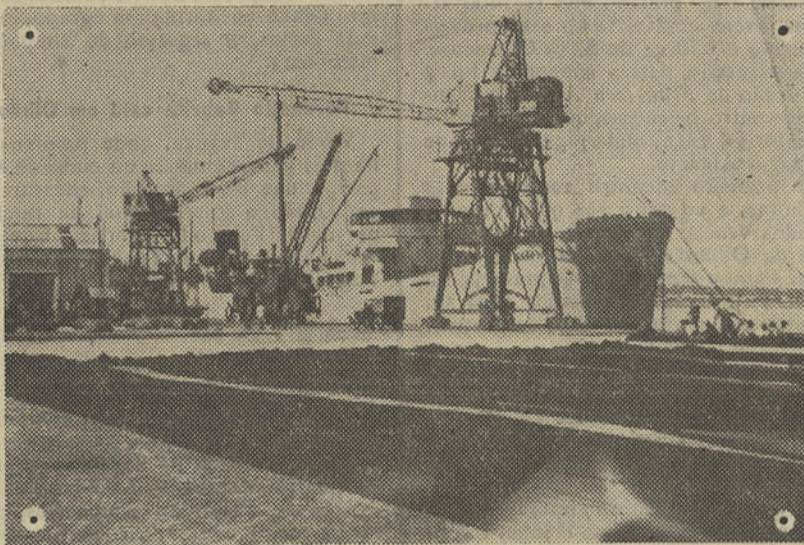
### HENRIQUES DE BRITO

Foi recentemente promovido  
ao posto de Capitão-de-mar-e-  
guerra o sr. Capitão-de-fragata  
José Emilio Henriques de Brito,  
que há alguns anos desem-  
penha o cargo de capitão dos  
portos de Vila Real de Santo  
António, Faro e Tavira.

O sr. comandante Henriques  
de Brito, que tem desem-  
penhado uma acção de alto re-  
levô como Delegado no Algarve  
da Junta Central das Casas  
dos Pescadores, exerce, ainda,  
com muito brilho e gerais sim-  
patias, as funções de Provedor  
da Misericórdia de Tavira.

«Notícias do Algarve» apre-  
senta ao ilustre oficial de Ma-  
rinha, pela sua promoção, sin-  
ceras felicitações.

biqueirão, não é prudente nem  
humano privar os industriais que  
se dedicam a laborar este peixe  
da regalia que usufruirão trans-  
ferindo para aqui as suas insta-  
(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)



Um aspecto do cais comercial de Vila Real de Santo António

## AS TRAVES MESTRAS DA ACÇÃO DO GOVERNO

NUNCA em Portugal se fizeram  
tantos discursos políticos co-  
mo, há cerca de meio sécu-  
lo, quando os arautos da  
Ideia Nova proclamavam as van-  
tagens da mudança do regime e,  
mais tarde, já depois de muda-  
das as instituições, esgotavam to-  
dos os recursos da eloquência  
balofa e vazia de sentido, em al-  
tissonantes hossanas às virtudes  
da Liberdade, panaceia salvadora  
de que pretendiam arvorar-se  
em defensores exclusivos.

Lógicamente, sensatamente, o  
Povo de Portugal alheava-se de  
tanta e tão tribunicia eloquência,  
na qual tinha deixado de acreditar,  
tanto as palavras eram des-  
mentidas pelos factos.

Há um quarto de século, a elo-  
quência mudou de sinal. Salazar  
deu o exemplo. As palavras fo-  
ram ultrapassadas pelos factos e,  
em vez de promessas incumpridas,  
o Povo habituou-se às reali-  
zações práticas, em que os novos  
homens de governo passaram a  
firmar a sua política de verdade.  
Fala-se menos, no Portugal de  
hoje, mas trabalha-se mais — e  
melhor.

Por isso, os cidadãos, que an-  
tiguamente cerravam os ouvidos  
aos falaciosos cantos das sereias  
partidárias, hoje apressam-se a  
ouvir a palavra dos dirigentes,  
certos de que não serão iludidos  
nas suas expectativas e algo de  
útil e proveitoso ficará gravado

## Eng. Carlos Freire Medeiros

Acompanhado de sua esposa e filho,  
encontra-se na vizinha praia de Monte  
Gordo, em gozo de férias, o nosso queri-  
do amigo e prezado assinante em Lis-  
boa, sr. Eng. Carlos José Freire Medeiros,  
funcionário superior da Companhia  
Colonial de Navegação.

## UM VERDADEIRO PLANO ÀS ESCOLAS INDUSTRIAIS COMPETE ADAPTAR

IV  
O PLANO de Fomento que te-  
mos vindo a examinar, ao  
mesmo tempo que provoca-  
rá um melhor aproveitamen-  
to dos nossos recursos naturais,  
elevantará sem dúvida o nível técni-  
co da nossa indústria, quer mo-

## OS Nossos operários às novas condições de trabalho

dificando-a, quer adaptando-a,  
quer, finalmente, obrigando-a a  
fazer-se acompanhar dos elemen-  
tos que possam levar a cabo essa  
modificação ou adaptação. Assi-  
m, caberá às Escolas Técnicas  
— elementares, médias e superio-  
res — um papel de destacada im-  
portância.

O extraordinário poder de  
adaptação do operário português  
(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

## E' hoje que se realiza o II Grande Concurso de Pesca Desportiva, em Tavira

É HOJE que se realiza na  
costa de Tavira, promovi-  
do pelo Ginásio Clube da  
aquela cidade e com o pa-  
trocinio dos nossos prezados  
colegas «Mundo Desportivo»,  
«Correio do Sul» e «Povo Al-  
garvio», o II Grande Concurso  
de Pesca Desportiva (Mar).

Tendo por campo de acção  
um dos melhores pesqueiros  
naturais da costa algarvia e  
sendo a sua organização mo-  
delarmente preparada, a exem-  
plo do que sucedeu no ano pas-  
sado, é de prevêr que este  
concurso resulte num verda-  
deiro êxito.

Entre outros números do  
programa publicado, destaca-

## POR JOÃO VALÉRIO

nos seus cérebros, ávidos de ver-  
dade.

Ainda agora, no acto de posse  
do novo Governador Civil do  
(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)



Copejo do Atum na Costa Algarvia

## O RISO DA SEMANA



Sem legenda

mos o copejo do atum, o almo-  
ço regional, que deve realizar-  
se no Arraial Ferreira Neto,  
e, como epílogo do Concurso,  
a festa no Parque Municipal.

O número de prémios con-  
seguido pela Comissão Orga-  
nizadora é avultado e valioso,  
destinando-se a classificações  
por Clubes, por Equipas e In-  
dividuais.

A receita líquida obtida com  
este Concurso de Pesca Des-  
portiva, destina-se à Santa Ca-  
sa da Misericórdia de Tavira.

## Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

### Exclamação

*A rádio portuguesa! Alta es-  
cola de mediocridade. Pobre de-  
la. Faz-me lembrar que Pégaso  
desceu das nuvens e o prende-  
ram à nora.*

### Confiança

*As tuas mãos! Que força ma-  
ravilhosa a desses dois pequenos  
deltas de carne. Já reparaste?  
Parecem frágeis e, no entanto,  
são capazes de revolver monta-  
nhas. Confia nelas.*

### Meninos

*Os meninos voltam da escola.  
Estou à janela e vejo-os passar  
de mãos dadas, abraçados, em  
pequenos grupos, deslizando co-  
mo sombras isoladas contra os  
muros. Silenciosos. Porque não  
cantam os meninos que voltam  
da escola? Porque, antes de as  
ensinar a lêr, não se ensinam  
as crianças a cantar?*

### Eco

*A Manuela tem o curso de au-  
xiliar de laboratório; a Ivone,  
o curso comercial. Tanto uma  
como outra gostaram de traba-  
lhar, de ser úteis, independen-  
tes, construir a sua vida... A  
parede hostil retorna-lhes as pa-  
lavras num eco angustioso. Ape-  
nas angustioso? Não, também —  
um tudo-nada irónico!*

### Jardim da Estrela

*Lago do jardim. Um cisne  
branco, enigmático, imponderá-  
vel... Tudo a encarecer. E os  
ganhos tão poucos. O miúdo  
com gânglios. A mãe envelhece,  
o pai definha-se. Terríveis noi-  
tes, aquelas noites. Não ouvis-  
te bater à porta, não ouviste? O  
miúdo agita-se na caminha de  
ferro, enxarcado em suor. Não.  
Ainda não bateram à porta. E  
de repente percebe-se por que, no  
lago tranquilo, o cisne parece  
enigmático, imponderável. Não  
é aeste mundo...*

### Poetas

*«Guerra, comércio e pirataria  
são três em um, não podem se-  
parar-se...»*

*Palavras de Goethe. Sábias  
palavras. E' verdade, afinal,  
que os poetas são os maiores sá-  
bios?*

## «Notícias do Algarve»

Registamos e agradecemos as amáveis  
referências que, ainda a propósito do  
aparecimento do nosso jornal se digna-  
ram fazer os nossos prezados colegas  
«A Voz do Sul», de Silves, «Ecos de Be-  
lém», de Lisboa, d o «Jornal do Contri-  
buinte», também de Lisboa.

COMPRE

«Esta riqueza que o  
Senhor me deu»

poemas de João Braz

## AGENDA

Movimento da Bota  
de Vila Real de Santo António

Vendas efectuadas de 3 a 9 de Julho:

Traineiras:	
Pérola Algarvia	86.690,00
Carmela	48.840,00
S. Domingos	62.080,00
Batinha	60.660,00
Levante	25.240,00
Flor do Sul	8.640,00
Raulito	54.000,00
Maria Rosa	42.790,00
Deolinda Rita	19.950,00
Pérola do Guadiana	15.740,00
Norte	20.880,00
Leste	15.670,00
Liberta	4.980,00
Janita	11.835,00
Manuela	29.710,00
Flor do Guadiana	12.250,00
D. Fuas	7.980,00
Sol	640,00
Boreal	1.240,00
Jorge Carlos	24.090,00
Agadão	29.015,00
Briosa	7.870,00
Arrifana	24.180,00
Farihão	3.240,00
Alvarito	290,00
<b>Total</b>	<b>616.900,00</b>
Cercos:	
S. José 3.º	12.440,00
Amazona	18.750,00
Estrela do Sul	1.680,00
Rio Minho	4.420,00
<b>Total</b>	<b>32.280,00</b>

## Atum da Costa Algarvia

187 Atuns	171.174,60
45 Atuarros	32.791,60
10 Albarcoras	4.000,00
<b>Total</b>	<b>207.966,20</b>

Movimento de Navios no Porto  
de Vila Real de Santo António  
de 3 a 9 de Julho:

Entrados:	
COVILHÁ, Português, de 1.154 toneladas, de Lisboa, vazio.	
ROLANDSECK, Alemão, de 857 toneladas, de La Laja, com mineral, em trânsito.	
SILVA GOUVEIA, Português, de 898 toneladas, de Lisboa, vazio.	
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.	
BELLONA, Alemão, de 1.389 toneladas, de Huelva, com arame.	
Saídos:	
ROLANDSECK, para Amburgo, com cortiça e conservas.	
COVILHÁ, para Antuerpia, com minério.	
SILVA GOUVEIA, para Lisboa, com minério e enxofre.	
COSTEIRO, para Lisboa, com minério.	
BELLONA, para Portimão, com cortiça.	

## HOSPITAL DA MISERICORDIA

Médicos:	
Dr. Alonso Vasques	
Dr. Reinaldo Braseres	
Consultas grátis às Segundas, Quartas e Sábados.	
Serviço permanente no Posto de Socorros.	
Dr. May Viana — «Doenças dos Olhos»	
Consultas aos segundos Domingos de cada mês.	

## MÉDICO VETERINÁRIO

Dr. José Diogo

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 11 a 17 de Julho a Farmácia Carrilho-Pracça Marquês de Pombal - Telefone 49.

## HORÁRIO DE CAMIONETES

Vila Real - Faro.  
Às 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,50 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

## CARREIRAS PARA AYAMONTE

Partidas às 11 e 16 horas.

## HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa:  
Rápido às 13,19, às Segundas, Quartas e Sextas.  
Correio, às 21,30 todos os dias.  
Partidas de Vila Real - Lagos.  
As 6,35 e 15,40.

## Noticiário da Província

## PORTIMÃO

## Festejos Populares

Portimão, a cidade ribeirinha, a primeira entre as primeiras Cidades Algarvias, viveu momentos de grande alegria com a realização das Festas dos Santos Populares, empreendimento arrojado, mas simpático, que pelo seu carácter beneficente e meio de diversão económico e de sabor Popular, aliás, o único permitido legalmente na quadra dos Santos Populares, bem mereceu as simpatias e preferências que todos, portimonenses ou não, lhes souberam tributar!

Apesar de todos os esforços e boas-vontades postas ao serviço desta causa pela incansável Comissão, reinava entre o público uma impressão contagiosa de desconfiança pelo êxito das nossas festas. Mas, na noite de inauguração o público apreciou, devidamente, o recheio do vasto recinto das Festas e até final das ditas continuou sempre a honrá-las com a sua presença, o que lhes dava um extraordinário movimento e alegria.

A prova da sua presença é um dos motivos que nos leva a crer que afinal as nossas Festas, apesar de algumas críticas ásperas, caíram na simpatia dos Portimonenses e que o seu elevado significado por todos foi compreendido.

E' certo que o recinto pecava por falta de Bom-Gosto e Originalidade. Pouca luz e poucos motivos Populares. O Recinto de baile, especialmente, foi dos menos felizes.

Salientamos entre os diversos motivos de aplauso o original combóio, sempre divertido e inteiramente ocupado durante as suas sucessivas viagens, pelo recinto, a aparelhagem sonora do incansável J. P. S.; a feérica iluminação do Arco de Entrada que emprestava vivacidade ao recinto; os seus originais Stands inspirados em motivos Regionais, entre eles o da «Favorita» e o dos mangericos; a Quermesse, servida por simpáticas portimonenses, bem como o perfeito serviço de bufete e outros dignos de atenção.

No sector artístico tivemos o prazer de receber a visita do afamado Grupo Folclórico de Alte e o seu Rancho Infantil, muito original, que mereceram vibrantes aplausos do público. Também se realizou um Espectáculo Publicitário por distintos amadores desta cidade, no dia 27, considerada Noite Elegante, tendo-nos visitado as Bandas da Mocidade Postuguesa de Albufeira e a de Silves; também esteve presente a Banda da M. P. de Portimão.

Alegaram o ambiente as Marchas dos Pescadores de Portimão e outra de Silves. Ambas foram fruto do esforço criado pela justa compreensão do nosso intento beneficente. Ambas corresponderam ao nosso apelo e ambas merecem a nossa simpatia e gratidão.

Pela presença do público e pelas constantes provas de apreço de todos os que directa ou indirectamente colaboraram nestas festas, fica-nos a grata impressão de que o fim em vista da Comissão foi alcançado e que as Festas dos Santos Populares em Portimão não-de viver outros anos.

Os erros de organização, or-

namentação, publicidade e de renome, estamos certos não-de ser vencidos, com a persistência e a Boa-Vontade que nos caracterizam.

O produto das festas reverteu em benefício do Hospital da nossa Cidade. — C.

## OLHÃO

## Torneio Popular

Em Olhão, no passado domingo, realizou-se no Estádio Padinha dois encontros de futebol entre os populares clubes: Vasco da Gama-Unidos Olhanense e Arsenal de Olhão-Estoril de Faro.

Além de numeroso público, assistiram aos encontros alguns directivos do S. C. Olhanense, que muito têm contribuído para a organização deste jogos populares, deles pretendendo recrutar alguns jovens com vista ao seu aproveitamento e reforço do S. C. Olhanense.

A atracção destes encontros foi a actuação de Francisco André, o avançado centro belenense, que representou o Estoril e Faro, onde jogava antes de deixar o Algarve.

O primeiro encontro realizou-se ás 16 horas, e ao cabo dos 90 minutos o Unidos venceu facilmente os seus amigos de Olhão «Vasco da Gama» por duas bolas a zero. Diga-se porém, com toda a justiça, os vencidos jogaram sempre com garra e apurmo desportivo. Vitória dos melhores.

O 2.º jogo foi o que despertou mais interesse; quando as equipas entraram no rectângulo o público aplaudiu-as com entusiasmo, e particularmente o jogador André, já hoje um ídolo do futebol nacional.

Eram precisamente 17 horas e 45 minutos quando teve início o jogo, e com uma feliz exibição os donos da casa venceram com todo o merecimento a melhor equipa de Faro, quanto a nós.

André pareceu-nos como sempre um atleta perfeito, com sentido de jogo, desmarcando-se no momento preciso. Pena foi que os seus companheiros muitas vezes demorassem com a bola nos pés, quando o seu companheiro se encontrava isolado. A atestá-lo está o facto de ser o jovem Francisco André o autor do único ponto alcançado pelos farenenses.

A equipa do Arsenal pareceu-nos na sua melhor forma, e deve-se, em maior parte, ao conjunto dos seus avançados, a preciosa vitória alcançada sobre um grupo como o Estoril e Faro.

Em Olhão encontram-se jogadores muito apreciáveis, como tivemos ocasião e oportunidade de ver actuar, de lamentar apenas o seu estilo lento, por vezes desinteressando-se da luta. Sem dúvida, temos na nossa província — «matéria prima»; necessário se torna, porém, que alguém se interesse a sério pela vida dos clubes populares — verdadeira escola de atletas e de futuros campeões.

## José Lopes regressa a Olhão?

Fala-se com certa insistência, nesta vila, no regresso de José Lopez Martínez, ex-treinador do Olhanense e do Portimonense, ao seu primeiro clube, que é o Sporting Clube Olhanense.

Sabemos, de fonte segura, que o es-

panhol Lopez foi convidado pelo Bétis de Sevilha para treinador das suas equipas, regeitando o convite, em virtude das más relações existentes entre o Bétis e o Sevilha Futebol Clube; — e José Lopez jogou no Sevilha Futebol Clube...

Sabemos também que a pessoa amiga falando em Sevilha com ele, este teria dito só regressar para o S. C. Olhanense, onde sempre foi bem tratado, onde conquistou farto número de amigos. cremos que a Direcção do velho Campeão de Portugal faria uma aquisição a contento da massa associativa local.

## Eminência saudosos de Olhão...

Fala-se também que o nunca esquecido alentejano Eminência, que tantas tardes de alegria deu a todos os algarvios, representando o S. C. Olhanense e que há precisamente três anos ingressou no Covilhã, volta de novo para Olhão, terra de origem.

Não damos esta notícia com segura; mas Olhão aceitaria com agrado, estamos certos, o regresso do simpático futebolista.

## Fernando Cabrita está em Olhão

Vindo de França, onde permanecia há dois anos, actuando no clube de Angers, clube da II Divisão, encontra-se em Olhão o internacional de futebol português Fernando Cabrita. Consta-nos que alinhara esta época pelo Sporting Clube da Covilhã. — C

## TAVIRA

## Urbanização

A Câmara Municipal desta cidade foi autorizada a trocar uma parcela de terreno, com a área de 874 m<sup>2</sup>, sobrando da que foi destinada à edificação das escolas do Plano do Centenários, por outra, com 1.350 m<sup>2</sup>, pertencente ao sr. Armando Júlio de Sousa Larcher e esposa, necessária para o alargamento da futura avenida de ligação da estação de caminho de ferro da mesma cidade à estrada municipal que conduz a Santa Luzia. — C.

## FARO

## Casa dos Pescadores

Foram superiormente autorizados a exercer as funções de secretário e tesoureiro da direcção da Casa dos Pescadores de Faro, os srs. José Francisco das Chagas Greiha e José Vaz.

## Perrolas &amp; Soares, L.ª

Pescarias e Mariscos — Conservas



Comissões e Consignações

RESIDÊNCIA 100  
Telef. PERMANENTE 55  
ARMAZEM 200

APARTADO 12

Vila Real de Santo António

## NOTÍCIAS PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde veio de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Engenheiro José de Brito Folque, técnico distintíssimo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Encontra-se em Monte Gordo, a passar a estação calmosa, a sr.ª D. Maria da Conceição de Moura Lino e Freire de Celorico Medeiros, mãe do nosso estimado Director-Delegado em Lisboa, sr. Engenheiro Jorge Manuel de Moura Freire e Celorico Medeiros.

De passagem para o Azinhal, onde foi acompanhar sua esposa, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante em Portimão, sr. Sezinando Ribeiro de Horta, escrivão da Capitania do Porto daquela Cidade.

Foi considerada em comissão, na escola da sede do concelho de Olhão, a professora sr.ª D. Maria José Pereira Monteiro.

Fixou residência em Viseu o nosso estimado conterrâneo sr. Artur Aleixo Horta, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, naquela cidade.

Em gozo de férias encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa o nosso prezado amigo e assinante, sr. Augusto Leitão, Chefe de Brigada da P. L. D. E., residente em Lisboa.

Regressou de Lisboa com sua esposa e suas gentis filhas, Mles. Maria Antónia Guerreiro Rita e Rita Guerreiro Rita o nosso prezado assinante e amigo sr. António dos Santos Rita, conceituado industrial da nossa praça.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso conterrâneo sr. Eng.º Joaquim dos Santos Travassos, residente em Lisboa.

Encontra-se nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Eng.º Acácio Madeira Pinto, residente em Lisboa.

Em casa de seu avô, sr. José Pedro da Costa, encontram-se nesta vila, a passar a época balnear, as meninas Maria do Carmo e Maria José Costa Aleixo, gentis filhas do nosso estimado amigo e assinante sr. Francisco Medeiros Aleixo, residente em Lisboa.

Encontra-se entre nós, em gozo de férias o nosso conterrâneo sr. José António da Cruz Palermo, 1.º Cabo Mecânico da Base Aérea da Ota, filho do nosso prezado assinante sr. António José Palermo, residente nesta vila.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso conterrâneo e assinante sr. Manuel António Caldeira, residente em Lisboa, que veio passar a época calmosa em casa de seus pais.

Encontra-se entre nós o sr. António Batista Brito, conceituado comerciante Importador e exportador, residente em Lisboa, e nosso prezado assinante.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o sr. João Manuel Socorro Domingues, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel da Silva Domingues.

## CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de interiores e exteriores paredes muros frontarias de casas ou edificios e outras superfícies

## NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FÁCIL EMPREGO

Pó que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES NOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

## CEMPEXO

DE COR FIXA  
DURA MAIS  
RENDE MUITO

HENRIQUES &amp; CASTRO, Lda.

TELEF. 75057 - AV. CONDE DE VALBOM, 96 - LISBOA

AGENTES

em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL  
em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO  
em Olhão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS

# CANTARES ALENTEJANOS

POR  
VERGÍLIO PASSOS

NA PLANÍCIE imensa de trigos verdejantes deslocam-se as mondadeiras dobradas sobre a seara, em movimentos cadenciados, enchendo os espaços com os seus cantares.

Nos dias de festa, ou à noite, juntam-se os homens em grupos, parando de quando em vez para se fazer ouvir melhor o solo ou em volta do mastro formam roda e de mãos dadas com os pares movimentam-se lentamente.

Os coros ecoam pela povoação e são escutados pelos habitantes como uma prece e arrastam-se por horas seguidas, na noite alta.

O povo junta-se em silêncio e embevecido segue os cantadores.

E' a alma do povo quem canta, é a voz da terra alentejana que se ergue, ganha volume, enche os espaços.

Tudo escuta, homens, mulhe-

res, crianças e velhos, as aves, os animais, o bosque, a imensidade. E' um bálsamo que cai sobre a natureza que conforta a dor e que diminui o sofrimento.

A toada dolente contagiá as multidões...

Do coro destacam-se os baixos, que ecoam como um prolongado lamento no silêncio da noite, na solidão dos campos.

As canções alentejanas que passaram de pais para filhos, de avós para netos, de gerações para gerações, revelam a psicologia contemplativa dos habitantes da planície. Através desses cantares sente-se o fatalismo atávico, que ficou enraizado na alma do povo.

Nestas canções que são monótonas para quem não sente o Alentejo, vibra a tragédia da raça que se espelha nos olhos cansados das mondadeiras ou nos olhos doloridos dos ceifeiros que, dobrados, quase de joelhos sobre a seara, lhe tiram as ervas daninhas ou ceifam os campos de espiga madura.

Belos conjuntos corais em que não há uma nota discordante; a harmonia é perfeita!

Nos sons graves adivinha-se a expressão forte e firme do lavrador quando alqueiva, nos meses de verão, ou quando quebra a terra dura donde não brota água.

A tragédia dos descampados, de clima continental, surge a nossos olhos: os maiores já não tocam flauta e arrastam penosamente os rebanhos, procurando refúgio nos montados onde há troncos a sangrar. E' a tremenda luta do homem e dos animais presos à planície calcinada. E' à hora do sol a pino, em que a terra é uma braza e a aragem, se alguma existe, queima. Hora sufocante do meio dia em que a vida parece ter ficado suspensa sobre os campos secos, dolorosamente secos, quando a respiração se torna difícil, hora em que se não ouve o chilrear das aves e só as cigarras atroam os ares com o seu feroz zumbido, que se ouve por toda a vasta planície;

(CONSULDI NA 7.ª FOLHA)

## GAZETILHA

### Ào leite e ao carvão

Bons amigos carvoeiros, caros compadres leiteiros, cá estamos a conversar; as coisas vão mal paradas e assim, tão desafinadas, não devem continuar!

Trata-se da barulheira, da valente chifreira que vocês, matinalmente, sem pensarem ao de leve no que a noite tem de breve, fazem às portas da gente.

O carvão, que é obra preta, chega a toques de corneta de atordar mesmo um defunto; o leite, matéria fina, vem a toques de buzina que dão cabo do bestunto.

Quando os dois toques se juntam há pobres que até perguntam se já começou a guerra... E é isto, nossos amigos, meditem nestes respigos, tragam mais sossêgo à terra!...

BIN OCLIO

# ALEGORIA

Ao som da música de Chopin  
Nasceu e morreu uma ilusão

Um dia,  
do nevoento cais da fantasia,  
nas horas da manhã,  
havendo a bordo um ritmo de Chopin,  
largou um batelão...

Levava nos porões a Ilusão,  
nos mastros a bandeira da Esperança!

Ao leme, uma criança...

O batelão errou por mares sem fim!  
Encalhou, soluçou, deitou a carga ao mar...  
E, cansado de tanto navegar,  
voltou a mim.

Era um navio fantasma!  
Habitavam-no sorrisos idiotas,  
e, nos porões, cheios de sangue e plasma  
nadava uma Babel de políglotas!

A meio da noite, em horas más e mortas,  
ouvira-se o ranger das suas portas,  
como soluços dum moribundo asmático...

E o capitão, hercúleo mas linfático,  
utilizava, como porta-voz,  
um crâneo esfacelado!

Voltou o meu batel!  
Bandeira a meia adriça,  
um motor que se enguiça,  
de momento a momento!

Velas pretas, paradas,  
sem vento...  
Os porões cheios de Nadas...

Do que soltou a amarra,  
apenas vêm, com mutilado afã,  
as notas de Chopin,  
desintegradas...

## AS FEIRAS DO LIVRO

MAIS por tradição do que certamente com objectivos de uma verdadeira e eficaz propagação do livro, todos os anos, pela primavera, se realizam em Lisboa e Porto as chamadas Feiras do Livro. Esta iniciativa tornou-se, assim, já um hábito e integrou-se dentro da rotina dos nossos costumes. Embora os livreiros se queixem dos magros réditos dessa empresa, o que é certo é que se acostumaram a expor à luz do sol todas as novidades literárias e velharias que jazem nos seus armazéns. A iniciativa, como propagação do livro, além de simpática, antolha-se nos útil. Não devemos poupar esforços em propagandear o livro, todos os empreendimentos nesse sentido devem ser aplaudidos e estimulados por todos aqueles que amam verdadeiramente a literatura. Mas a publicidade não se compadece com os processos rotineiros. Ora, o livro é simultaneamente uma obra de arte e uma mercadoria. Os nossos livreiros, mesmo na qualidade de comerciantes, parecem ignorar o carácter de mercadoria dos artigos que vendem. A publicidade de que revestem o livro, resulta pouco convincente, mesmo frouxa.

E o povo que anda afastado dos assuntos culturais vai para os recintos das feiras com a mesma disposição que leva para os «carrouséis» ou para a corrida dos cavalinhos. E' um espectáculo gratuito. Ali os auto-falantes fornecem-lhe de graça modinhas, sambas em voga, e paradoxalmente esquecem-se do homenageado da Feira — o livro. No Porto, este ano, para romper a monotonia habitual, promoveram-se já algumas conferências versando temas de cultura, e integradas no programa das Feiras. Mas não é de conferências mais ou menos eruditas que o povo carece; julgamos, mesmo, que a propagação do livro pouco vem a beneficiar desses

empreendimentos. Outro tanto não sucederia se os nossos livreiros promovessem palestras, notas rápidas e aliciantes, sobre as biografias e obras dos grandes escritores, levando assim o público a interessar-se pela literatura.

E' necessário que os livreiros quebrem essa rotina, tornando a Feira do Livro uma iniciativa realmente séria, que prestigie o livro e o comércio.

Desejar compensações, chorudos lucros, sem previamente ter elaborado um bom programa, sem dispendir esforços e dinheiro, e confinarem-se numa absurda incúria e desinteresse, é iludirem-se com vagas e inconsistentes esperanças.

E o público vai se apercebendo que a Feira do Livro não passa dum lôgro, dum espectáculo agradável e simpático, mas de resultados nulos. Materialmente, o público não lucra absolutamente nada, os 10% de desconto sobre o custo do livro qualquer pessoa durante o ano os obtém em qualquer livraria; «culturalmente», aproveita as modinhas e os sambas dos auto-falantes, concessões ou garantias que se nos afiguram irrisórias. Se a Feira do Livro surgiu como uma iniciativa com fins de divulgação da literatura, com objectivos dum mais estreito contacto entre o público e o livro — é imprescindível que os livreiros procurem dignificar os processos do seu negócio, prestigiem enfim o livro. Levá-lo para a rua e fazê-lo regressar aos escaparates das livrarias e armazéns mais amarratado e aviltado, torna quase inútil tais iniciativas. Achamos já imperdoável que se ignore o livro como produto de arte, mas mais nos surpreende que os livreiros se esqueçam que o livro também é uma mercadoria e como tal requiere uma proffqua e bem orientada publicidade, capaz de vencer o desinteresse e apatia do público.

Rodrigues Pena

## PARA SI minha Senhora

### SOB O SIGNO DA ROSA

por Noémia Gil Farla

ROSAS, rosas e mais rosas. Desde rosas enormes até rosas minúsculas. Espalhadas por toda a parte, tal parece ser a palavra de ordem dos costureiros parisienses para este verão frio, chuvoso e até com granizo, cá pela velha Europa que, tal como menina ajuizada ao ter o seu primeiro amor, perdeu de todo a cabeça e, em vez de um lindo verão quente e soalheiro, nos dá dois dias de calor seguidos de seis ou sete de chuva bruma e trovoadas, com falcas que fulminam pessoas, destroem casas ou dizimam rebanhos.

Apareceu, em Paris, um novo tecido: o «taffetan». Como o seu nome indica, é perante próximo do «taffeta», mas com qualidades que este ignora. O «taffetan» não se amarrotta, não enrugga, não se rasga facilmente e é bom de lavar. Aproveitando todas estas qualidades, e glossando sempre o tema da rosa, apresentaram os fabricantes de tecidos alguns padrões que são um encanto.

Nas recentes passagens de modelos apareceram inúmeros modelos cortados neste novo tecido.

Um dos mais lindos vestidos de noite apresentados era de «taffetan» branco, com enermes rosas vermelhas estampadas. Outro, para depois das cinco, era do mesmo tecido, mas cor de chá, com as rosas em amarelo vivo e cor de coral. Chamava-se «rosérie».

Viram-se também modelos, para «garden-party», de musselina branca tendo pregadas, sem a menor simetria, pequenas rosas de veludo. Igual motivo foi aplicado por outro costureiro sobre casacos de noite em musselina preta.

Musselina com grandes ramos de rosas estampados foi, mesmo, apresentada por quatro costureiros. O primeiro aproveitou-a para um vestido de noite; outro, para um vestido de teatro; o terceiro, para um vestido de «cocktail»; o quarto, finalmente, para um vestido «bailarina».

Foi apresentado também um lindíssimo vestido de noite em setim azul-rosado, com rosas cor de cereja estampadas e uma enorme «écharpe» de musselina no mesmo tom das rosas.

Entre os lindos estampados da estação — com pássaros, frutos e flores — também nas sedas naturais, nos tules e nas organzas a rosa predomina. Mas não é só nos tecidos que ela impera.

Todas as flores adquiriram não só para a noite como para de dia uma voga extraordinária. Prega-se uma flor na cintura; usa-se num dos lados do decote; enfeita-se com ela o canhão da luva esquerda ou ostenta-se no fecho da carteira branca. Ora, como não podia deixar de ser, é a rosa, entre todas estas flores, a preferida. E não se julgue que a rosa moderna é pequenina e tenta dar apenas uma nota colorida, que não choque pelo contrário, a rosa que se usa é a grande e não tem nada de estilizado é uma rosa exuberante, de pétalas enormes e carnudas. Só em determinado caso abdica do seu tamanho: quando, em vez de uma apenas, a elegante usa um raminho que dê da mesma forma uma grande mancha colorida.

Inexplicavelmente, numa estação em que tanto se veem as flores, foram elas banidas, quase por completo, dos chapéus. Apenas rosas pretas guarnecem, discretamente, alguns modelos da mesma cor.

Há senhoras que preferem, e com indiscutível bom gosto, a cor natural à artificial. Com indiscutível bom gosto, mas talvez com resultados infelizes. Efectivamente, por mais bela e mais fresca que seja uma rosa, não resiste a mais de duas horas de calor e assim, no meio de uma reunião ou de um banquete, a senhora que teve o bom gosto de trazer a flor natural, depressa a verá inteiramente murcha, roubando todo o encanto ao seu vestido, enquanto a rosa artificial conservará por longo tempo a graça, a delicadeza, a cor e, por vezes, até o perfume da rainha incontestável de todas as flores, quer ostente a sua beleza na haste da mais linda roseira do jardim, quer se mostre junto ao decote de uma mulher formosa, como que num desafio a que já o poeta famoso não sabia a quem dar a palma:

Se à mulher, por realçar a beleza de uma rosa...  
Se à rosa, por mostrar toda a beleza da mulher...

Este número do «Notícias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

## COLUMBOFILIA

DESPORTO EM PROGRESSO

A Columbofilia no Algarve

não é de prática recente

HÁ VÁRIOS anos que este desporto é praticado na nossa província, com destaque para a cidade de Faro que, com a sua Sociedade Columbófila do Algarve, tem o orgulho de ser a terra algarvia onde primeiro se encarou a sério e se levaram a efeito as primeiras competições entre pombos correios.

Depois, com o decorrer dos anos, mais colectividades foram surgindo, aqui e além, de tal forma, que, hoje, por toda esta risonha e alegre província, desde as cidades às aldeias, o desporto columbófilo lançou tais raízes, alcançou tanto entusiasmo, que tomou nos últimos anos aspectos de doença epidémica para a qual não se antevê fácil cura.

De facto, desde o mais humilde operário até a altas personalidades, a magia perturbante das chegadas dos pombos, tem escravizado, a ponto de ser vulgar ouvir-se dizer:

«Uma vez columbófilo, columbófilo toda a vida.»

Porquê? Sabe-se lá!

Nem ao columbófilo interessa saber. E' escravo da sua afeição aos pombos e ao desporto que com eles pratica. Submete-se.

Sofre quando eles por isto ou por aquilo não podem corresponder aos seus ansiosos de desportista. Exulta, é feliz e sente-se recompensado quando os seus pombos chegam bem.

Serão os aficionados da columbofilia loucos, como não por algumas pessoas considerados? Não cremos, dado o crescente número de pessoas de todas as camadas sociais que está a «enlouquecer» por todo este País e além fronteiras...

A columbofilia é uma força desportiva a crescer em cadência acelarada.

Não é possível determinar qual a projecção que o desporto columbófilo atingirá no nosso País.

Conseguirá Portugal atingir o nível columbófilo da Bélgica, a Pátria-Mãe do pombo correio?

Tudo leva a crer que sim. Para já consolemo-nos visto que a columbofilia portuguesa começou a ocupar um lugar de destaque na columbofilia mundial.

André Roque

# CARTAS

## de Rodolfo Ruiz

Paris  
Julho 1953

Meu caro Zé,

PARIS, capital da França, discute há dias, dois acontecimentos memoráveis que se desenrolam em Londres, capital do Império Britânico: a doença de Churchill—seu Primeiro Ministro—e os amores de Margaret—sua Princesa Real.

E a mim parece-me que o coraçãozinho da princesa, pequenino, mas palpitante de mocidade e de amor, tem suscitado mais interesse e tem despertado mais emoções do que todo o tronco gigantesco e trovejante do lendário estadista! Muito mais pesa na balança da sensibilidade humana um pequeno coração que ama do que um grande ministro que morre! Uma linda história de amor sempre comoveu mais do que um discurso político e as lágrimas de Inez de Castro, soluçando docemente nas margens do Mondego, ainda hoje fazem embargar as vozes que cantam a sua lenda de paixão e de dor!...

Esta tarde, ao balcão do nosso Club, enquanto sorviamos aperitivos gelados, discutíamos estas coisas ponderosas. Aos nossos pés, lentamente e com preguiça, corria o Sena. Era um destes fim de dia de verão, calmo e sereno, em que o crepúsculo parece não querer acabar. Paris ao longe sumia-se suavemente em vagos contornos pálidoamente dourada pelo sol poente...

Eu, com todo o fácil sentimentalismo latino a fervilhar no sangue, bramava contra a injustiça e o despotismo de um governo que assim exilava para Bruxelas um jovem e garboso Peter Townsend, oficial da Guarda, herói da guerra, só porque amava uma mulher, embora essa mulher fosse princesa e pertencesse à austera casa de Windsor!

Os tempos da Bastilha vão remotos, argumentava eu, e hoje a todo o homem deve assistir o direito de viver onde quer; e a única razão que pode fundamentar o casamento, com dignidade e com honra, é a razão do coração!...

—Há uma outra razão que se sobrepõe a essa: a razão de Estado!... disse, cheio de diplomacia, o Marquez de Bronzéac.

Eu discordei violentamente e continuei a increpar asperamente uma Corte desumana e cruel que já exilava um Rei porque quiz casar com uma plebeia e agora exilava um plebeu porque aspirava à mão duma patriciã de sangue real!

—E estas coisas passam-se no país das liberdades! Estou descrente da Inglaterra! conclui eu com um suspiro.

Nisto, Sir William Greenwood, pousou com calma o seu copo de whisky e interveio na conversa:

—Meus senhores, eu posso afirmar com segurança que Eduardo VIII não foi forçado a abdicar e se vive no exílio é porque assim o quer e porque assim lhe apraz. Se os meus amigos desejam, e enquanto o sol se não esconde de todo, eu posso contar-vos como os factos se passaram nesse ano de 1936... Eu trabalhava nesse tempo no *Foreign Office* e, por circunstâncias difíceis de explicar, acompanhei de muito perto todo esse drama...

FOR  
JOSÉ DE BASTO

—Conte, disse de Bronzéac. Nunca soube ao certo os *dessous* desses acontecimentos...

—Conte, conte, amigo Sir William, acrescentei eu adivinhando uma história que te poderia interessar.

Sir William Greenwood então contou:

—No dia 12 de Dezembro de 1936, por uma manhã fria em que a neve caía em grandes flocos, saiu surrepticiamente do porto de Portsmouth o destroyer «Fury» levando a bordo Eduardo VIII. Desenrolava-se o último acto dum drama que durante dez dias tinha empolgado o mundo inteiro. Horas antes multidões silenciosas tinham escutado através da rádio a voz dum Rei renunciando ao Título, ao Trono e ao Império por amor duma mulher que amava!

Todavia, a historia deste fim de reinado era simples e limitava-se a ser o-singelo desfecho de uma banal história de amor!

Eduardo Alberto, Príncipe de Gales, conheceu numa tépida noite de Julho, durante um jantar em casa de pessoas amigas, uma certa Mrs. Simpson. Ela era uma criatura elegante, insinuante e adoravelmente mulher! Eu tive a honra e o prazer de a conhecer nesse tempo e posso-vos garan-

tir, meus amigos, que ela tinha todos os encantos e seduções do seu sexo! Ora quiz o destino que fosse justamente Eduardo Alberto um dos homens a apaixonar-se por ela! E assim começou uma célebre história de amor. Ele, era o Príncipe de Gales; ela, uma americana, casada, já divorciada de outro e plebeia! Mas todas as coisas bem vistas, e reduzidas às ínfimas proporções marcadas pela mãe Natureza, o que havia era apenas um homem e uma mulher que se amaram desde que se viram.

O romance de amor começado nessa tépida noite de Julho seguiu serenamente os seus trâmites normais. O par amoroso via-se cada vez mais e quanto mais se via mais se amava. Mas a pouco e pouco esse romance que viviam—o príncipe e a americana—e que só a eles poderia e devia interessar—se ele fosse um simples burguês e ela uma costureirinha da Regent Street—pelo facto de ele ser o herdeiro de um trono começou a interessar a todo o Império! Pobre Príncipe de Gales! Depressa ele constatou que não é impunemente que se tem a traz de si longas filas de tremendos antepassados a saltitarem através de dez séculos da pesada História da Inglaterra!

O público quiz saber pormenores e quiz saber detalhes desses amores e quando soube o público não gostou! Se ao menos se se tratasse de uma inglesa!... E a Corte, a Corte severa e puritana da Rainha Mary ainda gostou menos. Uma divorciada, que horror!... E o Arcebispo de Cantuária, Chefe da Igreja abanou austeramente a cabeça aus-

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

## AS TRAVES MESTRAS DA ACÇÃO DO GOVERNO

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

Distrito autónomo da Horta, o senhor Ministro do Interior, nas breves palavras com que saudou a nova autoridade administrativa, fez interessantes, oportunas e sensatas afirmações, que bem merecem ser de todos conhecidas e por todos calorosamente apoiadas.

«A Nação é só uma» — exclamou o senhor Dr. Trigo de Negreiros. «A sua independência e a sua liberdade, a justiça e o bem comum são as traves mestras em que se apoia o nosso esforço, as ideias-forças que comandam a nossa acção.»

Nestas poucas palavras encontra-se luminosamente sintetizado o esquema dum vasto e inteligente plano de governo que, para bem de todos, há mais de duas décadas vem sendo escrupulosamente seguido, pelos homens que nas suas mãos deitam os comandos da nau do Estado.

Acima de tudo, o Governo proclama e defende, por todas as formas ao seu alcance, o dogma da unidade nacional. A Nação é só uma. Onde quer que flutue a bandeira da Pátria, seja na Europa ou nos mais longínquos continentes, os cidadãos gozam dos mesmos direitos e regalias, sem distinção de raças ou religiões. Todos são, igualmente, cidadãos de Portugal. Católicos ou maometanos, brancos, negros ou amarelos, o Estado em nada os diferencia e a todos reconhece como cidadãos livres duma pátria livre. Não os separam questões de raças ou de credos religiosos. A Pátria comum a todos acolhe e defende, irmanando-os nas prescrições legais, que

a todos cobrem por igual.

Existe uma consciência nacional, que se afirma onde quer que viva um cidadão português. Percorram-se as nossas províncias ultramarinas. Interroguem-se os seus nativos. E em toda a parte, em África como na Índia, em Macau como em Timor, o cidadão sentir-se-á honrado em ser português, tão português como os nascidos na metrópole.

Porquê, esta identificação de pensamentos e de sentimentos, entre indivíduos nascidos em tão diversas latitudes e, quanta vez, com diferentes graus de civilização?

A explicação encontra-se nas palavras, acima transcritas, do senhor Ministro do Interior. Sendo a Nação una, a todas as partes do seu território e a todas as classes dos seus cidadãos se estendem e aplicam as noções de justiça e as preocupações do bem comum, que constituem a essência da acção governativa e que por todas as formas procuram contribuir para o bem-estar geral.

Um flagrante e bem recente exemplo ressalta do Plano de Fomento, já em período de execução, do qual igualmente beneficiam todas as partes do território nacional e todas as classes de cidadãos.

A consciência nacional não é exclusivo das populações da metrópole. Constitui-a o conjunto dos cidadãos, irmanados nas mesmas aspirações e esforçando-se, todos por igual, para a manutenção da independência e liberdade da Pátria e para o império da justiça e do bem de todos.

João Valério

## O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO

II

# A Descoberta da Radioactividade

EM MARÇO de 1896, Henry Becquerel descobre a radioactividade. Esta desco-

PELO  
Capitão António Gonçalves

berta, que de início não deixava antever a revolução científica de reflexos mundiais que iria causar, foi a primeira brecha nos alicerces da Física Clássica, que parecia segura e inatacável.

Merece a pena determo-nos um pouco sobre as experiências de Becquerel, pois elas constituem os primórdios da ciência atómica.

No ano de 1895, Willelm Konrad Roentgen descobriu o Raio X. Estas radiações produzem-se quando, no interior de uma ampola de vácuo se estabelece uma forte diferença de tensão entre dois electrodos. Em virtude do vácuo e da alta diferença de tensão estabelecia-se no interior da ampola uma forte corrente electrónica (raios catódicos) orinada no electrodo negativo, ou cátodo.

Em 20 de Janeiro de 1896, na sessão da Academies das Ciências Francesa, Henry Poincaré mostrou aos seus colegas as primeiras radiografias feitas em França por Oudin e Barthelema. A uma pergunta feita por Becquerel, respondeu Poincaré que certamente os raios X eram formados no sítio em que os raios catódicos encontravam o obstáculo da parede de vidro da ampola.

Tendo Becquerel observado que nesse local o vidro se tornava fluorescente, acordaram ambos em que devia ser investigado se certos corpos que se tornam fluorescentes à luz, tinham a propriedade de emitir radiações análogas aos raios X.

Becquerel, que já anteriormente tinha estudado com seu pai, Edmond, a forte fosforescência do sulfato duplo de urânio e potássio, resolveu proceder a experiências com este sal. Para isso, envolveu um chassi contendo uma chapa fotográfica em forte papel preto. Dum e doutro lado deste embrulho colocou duas lâminas de sal, tendo dum dos lados posto entre a lâmina e o chassi uma moeda de prata. Apertou depois o conjunto com fitas de papel e expôs tudo ao sol, para provocar a fosforescência. Ao desenrolar a chapa, Becquerel verificou que de facto ela aparecia impressionada pelas lâminas de sal, sendo as suas radiações interrompidas pela moeda que havia entreposto. A sua hipótese parecia, pois, verificar-se.

Procurou Becquerel repetir a experiência substituindo a moeda de prata por uma cruz de cobre. Ao pretender expôr o chassi ao sol, o céu estava encoberto, mantendo-se assim durante vários dias. Becquerel, na esperança de um dia bom, guardou o chassi numa gaveta. Ao retirá-lo de novo para o expôr ao sol, teve a inspiração de desenrolá-lo e revelar a chapa, ficando surpreendido ao verificar que ela se encontrava impressionada, distinguuiu-se bem a imagem da cruz de cobre. Henry Becquerel tinha assim obtido a primeira auto-radiografia da história.

Desta observação uma conclusão se impunha: As radiações que tinham permitido impressionar a chapa eram independentes da fluorescência, o que em breve Becquerel confirmou operando com outros sais de urânio, uns fluorescentes e outros não fluorescentes. Verificou ainda que as impressões obtidas nas chapas fotográficas eram tanto mais intensas quanto maior era a percentagem de urânio no sal empregado. Estas radiações pareciam assim com uma propriedade intrínseca de urânio, porquanto:

a) — Elas eram independentes dos elementos com que o urânio se encontrava combinado.

b) — Outras substâncias, mesmo fluorescentes, nas quais não entrasse o urânio, não possuíam esta propriedade radioactiva.

Era-se, portanto, levado a admitir uma origem atómica para tais radiações.

Mas, sendo assim, como admitir a indivisibilidade do átomo e o princípio da conservação da energia? Que metal fantasma era este, que pretendia perturbar a quietude dos princípios tão caros aos cientistas da época e que tão bem se adaptavam à explicação de todos os fenómenos observados até aí?

Muitos físicos e químicos limitaram-se a considerar os raios urânicos como uma simples curiosidade laboratorial, e sábios como Lord Kelvin exprimiram durante muito tempo a opinião que o urânio tinha a propriedade de produzir radiações de origem externa desconhecida, negando-se a verem nesse metal a origem das radiações. A ponta do véu tinha sido porém levantada, e daí por diante, progredindo-se a passos gigantes, em breve o mundo acordava assombrado com o clarão de luminosidade inconcebível das bombas atómicas e a colocação na mão do homem da possibilidade de manobrar as forças que criam e destroem as galáxias, essas mesmas forças que mantêm a incandescência dos sóis.

Todavia, na época que focávamos, seria ridicularizado quem se arriscasse a tais previsões.

O próprio Becquerel, continuando os seus estudos verificou ainda que:

a) — Os raios urânicos, tais como os raios X, tinham a propriedade de descarregar as folhas electrizadas dos electroscópios e que a descarga era tanto mais intensa quanto maior era a percentagem de metal urânico.

b) — O urânio metálico impressiona mais fortemente as chapas fotográficas e descarrega mais intensamente os electroscópios do que os seus sais.

c) — Fortes variações de temperatura de 80° e 190° C. não modificam a intensidade das radiações.

No próximo artigo referir-nos-emos à descoberta do rádio.

# Crónica de Lisboa

## EXAMES

**CHEGUEI** ao Maria Amália eram 10<sup>h</sup> 1/4, entrei por uma porta traseira que dava para um pátio interior.

Tinham armado um bufete onde se vendia do sorvete ao café, passando pelos bolos e sandwiches; não faltando uma pequena esplanada onde uma centena de senhoras numa gargalhada infernal fazia tricot, discutindo vestidos e lambuzando-se com bolos. Lá dentro, as filhas padeciam horrores na expectativa «do que seria o ponto».

Senti as minhas entranhas revolverem-se, e por momentos tive vontade de fugir. Mas acalmei-me, lembrando-me que o tempo dos meus exames há muito passara. Sentei-me pois numa das mesas. Junto de mim, duas senhoras empeniscradas nuns saltos altíssimos combinavam uma «canastinha».

—Temos ainda, uma semana disto —dizia uma.

—Amanhã podíamos trazer uns baralhinhos —respondia a outra.

—E' verdade, iogava-se uma canasta enquanto elas fazem o Latim...

—A Manecas está muito nervosa!

—Ai! A minha também...

A campanha interrompeu a conversa e como se fossem uma só as «damas» precipitaram-se para a porta, num tropel desenfreado e amontoaram-se abrindo ajeas, à espera das «condenadas».

E «Elas» ai vêm, as faces pálidas, os lábios descorados, as pernas fraquejantes. E então; as mães, as professoras, os manos, os namorados correm sobre as desgraçadas bombardeando-as com perguntas:

—Então que tal?

—Era difícil?...

—Estendeste-te?

E elas,—não sei.

—Deixem-me.

—Foi horrível!

Para seguir o exemplo, decidi-me então abordar uma das alunas:

—Não se importava de me responder a umas perguntas?

—Quem é você? Exclamou ela admirada.

—Sou jornalista, e queria que me dissesse o que pensa dos exames?

A pequena olhou-me por uns segundos, e depois respondeu-me com outra pergunta:

—Já alguma vez fez exames?

—Eu fiz, mas já estou um bocado esquecida.

—E' bem mais feliz do que eu, retorquiu ela. Os piores momentos da minha vida, passaram-se atrás dessas paredes, e nunca os poderei esquecer.

—O exame correu-lhe mal?

Em que ano está, que ponto fez?

—Correu mal, correu bem, eu sei lá?, e chegando-se mais a mim em voz baixa, murmurou: Quando começam a distribuir os pontos, é horrível! Em todas nós um único pensamento, o que será?...

Estou no 7.º, fiz Organização, e por hoje deixe-me em paz, que faria de perguntas venho eu.

Antes que lhe pudesse agradecer, a rapariga desapareceu.

O burborinho continuava; ao meu lado estava uma miuda pequena, que tinha ouvido a conversa.

—Então, tu também tens exames? perguntei lhe.

—Tenho logo à tarde, e muito

POR  
VERA PONCE DE LÉON

pior que essas, o segundo é muito mais difícil...

—Achas?

—Pois não, a minha irmã está no 7.º há dois anos. Faz uma cadeira hoje outra amanhã. Agora eu...

—Tu?

A miuda encolheu os ombros e depois puchando-me por uma manga, continuou:

—Tenho que fazer tudo de uma vez, senão «chumbo». A minha irmã é diferente, perde uma cadeira, perde duas, mas tem sempre desculpa, porque diz ela que não é um «chumbo em absoluto». Não há direito não acha? Os professores deviam fazer coisas mais difíceis para elas que são grandes...

Antes que eu respondesse, outra pequena, mais crescadinha interrompeu-nos.

—E's parval! Não sabes o que dizes, quando chegares ao 5.º então vais ver o bom e o bonito. Eu «estendi-me ao comprido».

## UMA AVENTURA MUSICAL

Posto tudo isto pois, regressemos mesmo finalmente o Mélos e o Colombo à gaveta onde jaziam, após a aventureira peregrinação em vão; envie-me o Marquês ou não o argumento de *Melusina*, o que eu decidi já foi o seguinte: nos momentos livres e aprazados da minha máquina de explorar o tempo ir agora elaborando um argumento para o bailado de *Melusina*, cuja lenda conhecera um dia dum interessante *essai d'histoire littéraire* de Lucie Félix-Faure Goyau, —*LA VIE ET LA MORT DES FÉES*— obra aparecida em 1910 e, por acaso, encontrada em Lisboa, 28 de Outubro de 1911,—tal a data que pus no exemplar que aqui tenho. *Melusine, une fée de France* ocupa todo um capítulo da obra; e a fonte confessada (e como depois vi também pelo elucidativo artigo fundamental do velho Larousse), é o vetusto romance que Jean d'Arras escrevera em 1387 para *Madame Marie de France*, duquesa de Bar, em cuja corte estava ao serviço, e sob cujo patrocínio pôde facilmente explorar para tal fim não só a biblioteca real do Louvre, mas outras, entre as quais a do Duque João de Berry, o mecenas famoso das «*Très riches Heures...*» «Como o sabio rei seu irmão, a duquesa Maria (diz Lucie Goyau) amava os livros: os seus passatempos favoritos eram a leitura e a caça. João de Arrás sabia agradecer-lhe escrevendo a história de *Melusina...*»

Bem quisera eu agora encontrar este proprio romance de João de Arrás que publicado em Genebra em 1478, e depois de varias reedições (pois *Melusina* estivera em moda e inspirara mesmo varios poemas) fora modernamente (há um século, em 1854) reimpresso em França...

Vou tentar o meu illustre amigo Dr. Pierre Hourcade, a ver se ele, com as suas artes, me conse-

—Talvez não, disse eu para a consolar.

—Qual que, os professores são tremendos, fazem uns pontos que ninguém sabe o que eles querem.

—O que eles querem? A miuda deu um empurrão na mais velha e abrindo os braços num gesto largo, exclamou com ar tétrico: «chumbar!»

—Lá isso é.

E lá se foram as duas discutindo.

—Não estudam, e depois querem passar...

Olhei para trás. Uma senhora de carrapito e óculos encalvinhados no nariz.

—São umas cábulas, é o que são. Esfalfamo-nos aqui todo o ano e depois, chamam-nos feras. Ingratas é o que são.

—Concerteza, anui eu, tem toda a razão.

Senti-me transportada, a uma sala de aula, a fazer um daqueles exames em que nos enterramos mais, cada vez que abrimos a boca.

—Umas ingratas, continuou a mestra indignada, não têm respeito, não têm amor a nada...

Surrateiramente fui-me escapulindo; um arrepio percorreu-me a espinha, e quando dei por mim já estava fora do Liceu.

Seguramente, não se esquecem tão depressa os exames. E o dia 1 de Junho é na realidade o mais amargo do ano, comparável apenas ao dia angustiante em que saíam as notas.

que desencantar esta fada obsoleta — quero dizer a história em que Jean d'Arras, com a sua imaginação fecunda, ampliara ainda, para delicia da sua real ama li-

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

terata, o complexo fundo medieval que colheira das velhas lendas e tradições...

Talvez que o argumento da Princesa, quando vier—se vier— não me seja musicalmente mais propicio...

Em todo o caso a musica já por cá tem andado a apoquentar-me... Todavia, não ainda no verdadeiro clima, porque, esse, deve constar dum apontamento de há anos, quando o assunto me tentara pela primeira vez...

Ora, perdido num inferno de apontamentos musicais, todavia em ordem, tive a inesperada fortuna, ontem à noite, descendo por acaso a esse bártro, de ir encontrar em seu sitio, num retalho de papel com a data de 19 de Março de 1922, essa célula inicial, de 4 compassos a 2 por 4,—motivo eutépico donde, como dum gérmen, se engendrará, organicamente,... o que tiver de vir, incorporando e assimilando adequadamente os mais diversos elementos substanciais... (Porque é assim mesmo, como na formação dos organismos, que a coisas se passam na mal chamada *composição musical*...)

Pois, senhores!... Quando eu já ficara tranquilamente supondo que a simplória narrativa desta musical aventura não passaria de ficar jazendo nas avulsas páginas desta jovem *folha de couve* do pombalino Sotavento algarvio,—

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

COMPRE

«Esta riqueza que o Senhor me deu»  
poemas de João Braz

## UM DEVER DE TODOS OS ALGARVIOS

**NÃO** se tem poucado a esforços a Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve em Lisboa no sentido de conseguir um serviço informativo que a habilite, tanto quanto possível, a poder fornecer esclarecimentos sobre vários assuntos affectos à nossa Província, para o que está a ser constantemente procurada.

Agora, aproximando-se a época das Praias e Termas, aquela Comissão vê-se impossibilitada de poder dar cabal satisfação às informações solicitadas, muito especialmente no respeitante a hotéis e pensões existentes nas praias e termas do Algarve, e ainda sobre carreiras de camionagem, suas ligações, horários, etc..

Várias vezes aquela Comissão de Propaganda e Turismo se tem dirigido às entidades respectivas, pedindo-lhe o fornecimento de elementos informativos, mas, com raras excepções, de respostas desejadas ficam no esquecimento.

Como é óbvio, os limitados rendimentos da Casa do Algarve não permitem uma repetida e insistente correspondência sobre o mesmo assunto, não só pela elevada despesa que isso acarreta, como, também, pelo tempo precioso que seria dispendido numas demoradas demarches, pelo que, na nossa missão de regionalismo, é com o maior prazer que, colaborando com os serviços de turismo e propaganda daquela agremiação, vimos solicitar a todos os proprietários de Hotéis e Pensões que ainda não tenham feito, e muito especialmente os localizados nas praias, estâncias termais ou de repouso, e ainda aos proprietários de casas particulares que, nesta quadra do ano, as destinam, no todo ou em parte, para alugar, a enviarem com a maior urgência, para a Secretaria da Casa do Algarve, em Lisboa, Rua Capelo, 5-2.º direito, as seguintes indicações:

—Número e categoria dos quartos de que dispõem, simples, para casal ou apartamentos, instalações higiénicas, telefone ou endereço telegráfico, e bem assim as tabelas de preços diários, com ou sem refeições.

—Tratando-se de habitação particular, indicarem se diz respeito a habitação completa ou parcial, mobilada ou não, suas instalações higiénicas, com ou sem água corrente, sistema de iluminação, preço pela época ou mensal, indicando igualmente a que distância se encontram das praias ou termas mais próximas, se estão servidas por qualquer meio de fácil transporte, e, de um modo geral, todos os elementos julgados necessários para uma perfeita e completa afirmação.

—A todas as empresas de viação localizadas no Algarve ou que façam carreira para esta província, se agradece o envio dos seus horários das carreiras ordinárias ou das extraordinárias que se realizam na época balnear, tabelas de preços, percursos, sua serventia a combois, etc..

O objectivo que se pretende com estas informações é de benefícios tão evidentes para o turismo no Algarve que quase nos parece ocioso apelar para a boa vontade de todos os algarvios que possam, por qualquer das formas indicadas, contribuir para uma propaganda eficaz da nossa Província.

## Será este critério o mais razoável?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lações. Poupariam os encargos do transporte (que são de considerar) e além disso teriam o peixe em condições de frescura e integridade muito diferentes daquelas que se lhes oferecem hoje, sobretudo os industriais que têm as suas fábricas em Setúbal, Lisboa, Buarcos e Matosinhos. São já tantas as alcavalas que pesam sobre a indústria que é de boa tática económica procurar aliviá-la o mais possível, dar-lhe possibilidades de concorrer com vantagem nos mercados externos.

Isto no campo genérico da economia da Nação. No campo específico, não podemos deixar de considerar que Vila Real de Santo António vive exclusivamente do mar (pesca e laboração de peixe) e porque assim é, cumprimos pugnarmos pela valorização económica da nossa terra, valorização que, por ora, só nos pode vir do mar.

Se no estrito campo das nossas possibilidades não nos consentem o progresso que legitimamente desejamos tenha esta florescente

vila, com as suas consequentes repercursões na economia pátria, como poderemos prosperar, como havemos de engrandecer a nossa Nação?

Para o que consideramos um critério afastado das realidades palpáveis e lesivo dos interesses da indústria, permitimo-nos chamar a atenção do sr. ministro da Economia, certos de que o apêlo, pela justiça que lhe anda inerente, não será em vão.

J. B.

A ILVSTRADORA  
LIMITADA

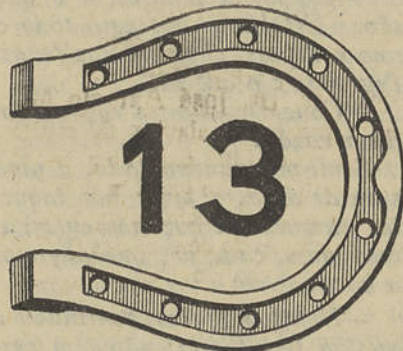
Rua de S Paulo 232  
LISBOA

TELEF. 25764

FOTO-ZINCO  
TRICROMIA  
FOTOGRAVURA  
ZINCO-GRAVURA  
E  
DESENHO

# VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS  
de Consumo e Exportação  
**QUE MARCA**



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-  
vador desta casa  
é o seu Proprietário

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos  
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,  
aguardente de ginja, e mel centrifugado

**Preços em concorrência  
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura  
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»  
«MINHA ULTIMA MARCA»  
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

**Produtos vinicos 100 por cento**

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

**AGENTES EM:**

**AFRICA e BRAZIL**

**Aceito Agentes onde ainda os não tenha**

**Armazéns de retém:**

N.<sup>os</sup> 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

**BANQUEIROS:**

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espirito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

## ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65 - B

CASA FUNDADA EM 1913

### © CARTAXO - Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo  
27 - Ericeira  
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.<sup>da</sup> - S. Mamede Riba Tua

## 11.933 contos de peixe

vendido o mês passado na lota

de Vila Real de Santo António

O mês passado registou este porto um movimento extraordinário tanto na secção comercial (exportação) como no que se refere a pesca. As vendas na lota atingiram, durante o mês, o total de 11.933.270\$10, ultrapassando assim o valor de todas as lotas do País. Este rendimento foi obtido da venda da sardinha, atum e biqueirão, especialmente desta última espécie, de que apareceu certa quantidade.

Afluíram aqui mais de 400 barcos de toda a costa portuguesa, tendo alguns feito bons lances.

Como de costume, verificaram-se as habituais dificuldades de descarga do peixe, pois coincidiu a força da pesca com a afluência da navegação mercante. Este grave problema só poderá ser resolvido com a construção da doca de pesca, cuja necessidade cada vez é mais premente devido ao aumento crescente da navegação mercante e também da pesca.

(Do «Diário de Lisboa»)

## IMPOSTO de Incêndios

Durante o corrente mês de Julho está à cobrança, na Câmara Municipal, o IMPOSTO PARA O SERVIÇO DE INCÊNDIOS. Passado este prazo, pode-se efectuar o pagamento durante mais SESENTA DIAS, (período das operações preliminares do relaxe), acrescido dos juros de mora, findo os quais se procede ao relaxe.



Esperimentando os seus modelos de Estação é ter a certeza de vestir melhor por menos preço



Confecções **Viresa, L. da**  
FÁBRICA DE CAMISAS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# SARAU DE ARTE na Casa do Algarve

REVESTIU-SE do maior brilhantismo o Sarau-musical que na noite de 2 do corrente, se realizou na Casa do Algarve.

Perante uma numerosa assistência que enchia completamente o Salão de Festas desta colectividade, e em constantes manifestações de aplauso, tanto à «Orquestra Portugal» sob a direcção do distinto compositor algarvio, José Mendes Arriagas como a «Orquestra Genérica de David de Sousa», admirável conjunto de bandolins, sob a superior regência do maestro e compositor Sá da Costa, executaram primorosamente um belo programa com obras de Schubert, A. Kotalloy, Mascagni e de suas próprias autorias.

Preencheu ainda este programa um acto de variedades pelo Grupo Radiofónico «A Caminho do Triunfo», acompanhamento ao piano pela professora sr.ª D. Rosa Rezende de Gusmão, onde se fizeram ouvir um gentil grupo de meninas e alguns rapazes e bem assim o antigo declamador Xavier Maltez, todos com manifesto agrado da assistência.

Também foi aplaudido o trio «Do-Ré-Mi» e o incomparável excêntrico Aníbal Tapadinhas, que com alguns números do seu vasto repertório fez delirar a assistência. O extímio acordeonista João Pedro foi muito aplaudido na primorosa execução de música clássica e regional algarvia.

Parte deste concerto foi gentilmente gravado pelos serviços técnicos da Emissora Católica «Rádio Renascença», sob a direcção do sr. João Morgado, cuja retransmissão teve lugar em duas ses-

## J. Mateus & C.ª

OURO - PRATAS  
RELÓGIOS - JOIAS

TELEFONE 78

Rua Teófilo Braga, n.º 30, 30-A e 31  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ões, respectivamente no dia 4 do corrente, às 22,30 e dia 7 às 21,45; é oportuno informar da organização em estudo, para a próxima época, de programas culturais e artísticos a realizar em íntima colaboração com a «Rádio Renascença» e a Comissão de Festas da Casa do Algarve, superiormente dirigida pelo membro da Direcção e apaixonado artista musical, sr. Arnaldo Martins de Brito.

Encerrou este memorável Sarau de Arte, o vice-presidente da Direcção, sr. Dr. José António Madeira, que teve palavras de muito apreço e gratidão para com todos os artistas que tão gentilmente lhe prestaram a sua colaboração, tendo assim fechado com chave d'ouro a primeira fase do Ciclo Cultural e Artístico do corrente ano, na Casa do Algarve.

## Despedida

Maria da Piedade Franqueira Reis, que durante alguns anos prestou serviço na Central Telefónica desta vila, tendo retirado para Faro e não ter tido possibilidade de se despedir de todas as pessoas suas amigas vem por intermédio do «Notícias do Algarve» apresentar as suas despedidas e oferecer o seu préstimo na capital da nossa provincia.

## «VISOR»

Recebemos o primeiro número desta revista de Cinema, que recentemente iniciou a sua publicação.

O número que temos presente insere seleccionada colaboração e apresenta-se gráficamente bem elaborado.

«Visor», uma revista que sem ser demasiado erudita, veio ao encontro dos anseios dos cinéfilos que encaram a Sétima Arte sob um ponto de vista superior.

Os pedidos de assinatura devem ser dirigidos ao Cine-Clube de Rio Maior, Rua David Manuel da Fonseca, 88 — Rio Maior.

## Falecimentos

Faleceu no dia 6 do corrente, a sr.ª Teresa Gomes, de 63 anos de idade, viúva, natural e residente nesta vila, operária da Fábrica S. Francisco, onde exerceu a sua actividade durante muitos anos.

A finada que era bastante popular nesta vila, deixou 5 filhos, alguns ainda menores, tendo sido o seu funeral uma grande manifestação de pesar, principalmente pelos operários da Industria de Conservas.

A extinta era mãe do sr. Joaquim Faustino vendedor de «O Século» e do nosso jornal.

Também no passado dia 8, do corrente, faleceu em Monte Gordo, onde residia, a sr.ª D. Maria Jardelina de Sousa, de 46 anos de idade estremosa esposa do sr. Manuel Augusto de Sousa, Cabo de Mar, e mãe dos srs. Orlando Manuel Augusto de Sousa, Candido Augusto de Jesus Sousa e Delfim Augusto de Jesus Sousa.

A's familias enlutadas, endereça o «Noticias do Algarve» sentidos pésames.

## José Candido Monteiro

SOLICITADOR  
PROVISORÁRIO

Horas de expediente

Das 10 às 13 e das 14 às 17 horas

ESCRITÓRIO

Rua de Aveiro n.º 40

Vila Real de Santo António

RESIDENCIA

Rua 28 de Janeiro — Castro Marim

## CANTARES ALENTEJANOS

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

quando a terra onde não se enxerga folha verde, se queda envolta numa atmosfera nevoenta, sem côr, ou esbranquiçada, que sufoca e tremula como a que se desprende dum brazido.

De manhã nos meses de Julho e Agosto, o céu mostra-se dum azul pálido, sem vigor ou frescura, e, a partir das oito ou nove horas a calma inunda os horizontes, começa a alastrar, aumentando sempre até ao declinar da tarde.

As árvores, quando as há, são o único refúgio dos que trabalham na infundável campina longe dos «montes».

Os cantares alentejanos, voz da raça e voz das terras de pão, emocionam. A sua beleza nasceu na luta grandiosa do homem com a terra, luta tremenda e desigual que se arrasta desde o principio dos séculos, de geração em geração.

Vergílio Passos

V. Ex.ª deseja vestir bem aos mais módicos preços?

Prefira a

**Alfaiataria Gomes**

DE

**José Gomes Madeira**

que garante os seus trabalhos

Rua Teófilo Braga, 93

Serve-se do TELEFONE N.º 42

Vila Real de Santo António

No próprio interesse de V. Ex.ª consulte sempre a

**TIPOGRAFIA SOGORRO**

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

## Aos nossos assinantes

Prevenimos os nossos presados assinantes de que vamos pôr á cobrança, os recibos referentes ao primeiro periodo de assinatura, dos numeros 1 a 10 inclusivé, no importe de Esc. 9\$90.

Sendo a cobrança feita pelo correio, a todos solicitamos o favor de não deixarem devolver os referidos recibos, que bastante transtorno nos ocasionará.

A todos os nossos agradecimentos.

## CINE-FOZ

Apresenta hoje o mais belo filme de amor — **Paraíso Proibido**, com dois maravilhosos interpretes Joan Fontaine e Joseph Cotten.

Um dos melhores enredos que se têm filmado. No grandioso cenário da romantica ilha de Capri desenrola-se um tema que a todos apaixonará.

Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos.

Quinta feira exhibe um filme delicioso — **Sempre Cabe Mais Um** com 2 grandes artistas Cary Grant e Betsy Drake.

Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.

## As gralhas...

As gralhas pousaram atrevidamente no artigo «Ruínas que nos envergonham», publicado no passado número e alteraram uma frase, o que pode estabelecer confusão em espíritos menos atilados. Por isso vamos rectificá-la. Escrevemos: «Se a diversidade das nossas industrias...» e saiu: «Se a diversidade dos nossos industriais...» Uma pequena diferença, mas que pode dar lugar a dúvidas!

## Preço de Assinaturas do «Noticias do Algarve»

Continente	
Séries de 10 números . . .	9\$90
» » 20 » . . .	19\$90
» » 50 » . . .	49\$50

Ilhas e Colónias Portuguesas	
6 meses . . . . .	28\$80
Um ano . . . . .	57\$60

Estrangeiro	
Um ano . . . . .	90\$00

## Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega—deveis preferir um **WISCONSIN PORQUÊ?**

Porque possui motor **WISCONSIN** de mais baixa rotação, **1.600** rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

**MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE** significa arranque facilimo

**CARBURADOR ZENITH** ou **STROMBERG** representa grande economia de combustível

**FILTRO DE AR** a banho de óleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

**CASA CAPUCHO** — Rua de S. Paulo, 113 — LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 78

## HOLLAND-AMERICA LINE SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

## «APPINGEDYK»

carrega em LISBOA em 25 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«LOCH RYAN» — 27 de Julho

«DALERDYK» — 6 de Agosto

AGENTES GERAIS

**CARLOS GOMES & C.ª L. DA**

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

# CARTAS DE RODOLFO RUIZ

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

tera: Não, não podia ser!...  
Morre o Rei Jorge V e temos Eduardo Alberto, Rei da Grã-Bretanha, do Norte da Irlanda e dos Domínios de Além Mar, Defensor da Fé e Imperador da Índia!

O que fará o novo Soberano? Meu Deus, aqui começa verdadeiramente a tragédia Shakespeariana. Eduardo VIII continua a amar cada vez mais Mrs. Simpson e pensa casar com ela, o que era insensato, e pretende fazer dela Rainha, o que era incauto e descabido! A Inglaterra e todos os seus domínios começam a perceber que a coisa é séria. Mrs. Simpson separa-se do marido, requer o divórcio contra ele e passa a frequentar com assiduidade os jantares íntimos de Buckingham Palace e os «week-ends de Sandringham»!

Nos círculos sociais de Mayfair só se fala no escândalo! Os jornais americanos inserem artigos sensacionais sobre o caso e falam abertamente dum futuro casamento, mas a imprensa inglesa mantém um mutismo disciplinado e respeitoso e aguarda fleugmáticamente os acontecimentos.

Um dia porém na Câmara dos Comuns surge uma pergunta inocente:

— Poderá o *honorable* Primeiro Ministro elucidar a Câmara sobre certos rumores que circulam na imprensa americana sobre o casamento dum Augusto Personagem da Côte Inglesa?...

O «*honorable*» Primeiro Ministro, Mr. Baldwin, informa que nada pode elucidar sobre tais rumores, pois nada sabe. Mas os acontecimentos agora precipitam-se. Mr. Baldwin avista-se com o Rei e comunica-lhe que o Governo julga que uma situação difícil pode surgir da continuação da ligação de Sua Magestade a Mrs. Simpson. O Rei então comunica por sua vez que é sua intenção firme e irrevogável casar com essa senhora! O Primeiro Ministro faz sentir ao Rei que em sua opinião, tal casamento não seria de molde a receber a aprovação do seu povo.

— Porquê? pergunta o Rei.

— Porque tal casamento envolveria a circunstância da senhora em questão, se tornar Rainha de Inglaterra! E só pode ser Rainha de Inglaterra quem o povo inglês quizer...

O rei respondeu simplesmente:

— Tenciono casar com Mrs. Simpson e estou resolvido a abdicar se for preciso.

Estes factos passaram-se no dia 16 de Novembro e a conferência entre o Rei e o seu Primeiro Ministro durou dez minutos, e dela o Parlamento e o público só tiveram conhecimento muito mais tarde. No dia 25, Eduardo VIII manda chamar Mr. Baldwin e pede-lhe para ele considerar a hipótese de Mrs. Simpson se tornar sua esposa, mas não sua consorte. Sua Magestade pretendia um casamento morgânico! O primeiro Ministro respondeu que ia considerar a sugestão apresentada e que se Sua Magestade assim o desejasse que a submetteria à apreciação do Governo. O Rei respondeu afirmativamente, e no dia 27 há uma reunião extraordinária do Conselho de Ministros. O público continua na ignorância de tudo quanto se passa e a Imprensa mantém um impressionante silêncio, mas presente se que algo de grave se desenrola. Frizo estes detalhes que julgo impor-

tantes. O Rei não foi influenciado pela opinião pública e nenhuma pressão foi jamais exercida para ele tomar esta ou aquela decisão. A iniciativa pertenceu-lhe sempre e as decisões que tomou foram livremente tomadas.

No dia 4, o senhor Atlee, chefe da Oposição pergunta a Mr. Baldwin se ele tem alguma declaração a fazer quanto a rumores que circulam sobre um possível casamento de Sua Magestade. Só então e pela primeira vez é que o Mundo toma conhecimento oficial dos sucessos dos últimos dias, porquanto o Primeiro Ministro responde mais ou menos nestes termos:

— De facto parece ser intenção de Sua Magestade realizar determinado casamento. Tal casamento implicaria a circunstância de determinada senhora tornar-se Rainha de Inglaterra. Esta eventualidade porém, nem este Governo nem os Governos dos Domínios já consultados, podem admitir. Para evitar que um casamento com Sua Magestade pudesse tornar determinada Senhora Rainha destes Reinos aventou-se ainda a hipótese dum casamento morgânico. Mas não existe neste país legislação sobre esta matéria e não é intenção do Governo de Sua Magestade propor a sua introdução. E' quanto tenho a dizer. Ninguém deseja mais a felicidade de Sua Magestade do que os seus leais súbditos. A Sua Magestade porém, e a ele só, compete a escolha do caminho a seguir...

A alternativa estava subtilmente posta: Mrs. Simpson ou o Trono!...

Os representantes do povo aprovaram a atitude do Governo e aplaudiram longa e delirantemente o Primeiro Ministro. Houve um único deputado que discordou: Mr. Churchill!

— Churchill?! perguntei eu atonito.

— Sim, esse velho gigante parlamentar, esse descendente dos Marlborough esse paladino feroz das prerrogativas reais! Churchill queria o Rei — com Mrs. Simpson ou sem ela! Mas a Câmara dos Comuns estava intransigente e não queria Mrs. Simpson! Churchill sofreu então uma das suas maiores derrotas parlamentares. A Câmara inteira se insurgiu contra ele e de pé os deputados irritados bramaram tumultuosamente: Fora! Fora! Sente-se! Cale-se!...

Churchill não pôde salvar o seu Rei! A escolha de Sua Magestade estava portanto feita: Era a abdicção, e no dia 10 de Dezembro, Eduardo VIII passou definitivamente à História!

— E passou a haver um Duque e uma Duquesa de Windsor! conclui eu...

— E que Deus lhe dê uma longa vida, feliz e venturosa... E como V. Ex.<sup>sa</sup> vêem a Inglaterra não deixa de ser um país livre onde os homens casam livremente, sejam eles Reis ou simples burgueses...

— De forma que a Princesa Margaret?... perguntou de Bronséac.

— A Princesa Margaret casará com quem quizer, na certeza de que nenhuma pressão lhe será feita na escolha do marido, disse Sir William.

— Ora ainda bem, e que o mesmo aconteça a todos os que amam! desejei eu esvaziando românticamente o resto do meu whisky gelado...

Teu, Rodolfo

# UM VERDADEIRO PLANO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tem bastado para a enervante lentidão com que, durante longos anos, tem a nossa indústria vindo a sofrer uma adaptação natural aos processos que, embora já muito vistos «lá por fora» (esta expressão sempre tem sido muito respeitada entre nós!...), têm sido utilizados no nosso País.

Vemos agora na nossa frente, apenas com 6 anos de premeio, um panorama muito mais vasto, e para cuja amplitude poderemos não estar preparados. E a gravidade do problema poderá residir em que a nossa conveniente preparação técnica seja ultrapassada pela velocidade vertiginosa do tempo, quero dizer, desses 6 anos apenas, que já estão em marcha.

Têm as Escolas Industriais a desempenhar porventura o principal papel, e por isso creio ser essencial introduzir certas alterações no espírito que rege o ensino nelas levado a efeito.

Todos compreendemos quanto o ensino se encontra ligado à forma como é ministrado. Daí é fácil de ver quanto o interesse que os professores põem nele, influirá na sua eficiência.

E' facto conhecido que a quase maioria das disciplinas nas Escolas Industriais são leccionadas por professores auxiliares ou agregados, quase sempre recrutados entre os Engenheiros ou Agentes Técnicos recém-formados, os quais ocupam esses cargos apenas como compasso de espera até arranjam melhores condições de trabalho, cada um deles tomando muita vez a seu cargo 2, 3 ou mais disciplinas, tantas vezes estranhas às suas especialidades.

Poderão professores nestas condições preparar devidamente um aluno? Têm esses indivíduos a preparação pedagógica mais conveniente para o cabal cumprimento da sua missão ou, melhor dizendo, para a preparação dum aluno a quem na vida vai ser confiado um tão importante papel? Que interesse pode tomar um professor pelo desenvolvimento dos seus alunos, se está na eminência — e tantas vezes no desejo!... — de deixar o seu lugar? Como pode um aluno aproveitar convenientemente um curso em que os professores — e, consequentemente, os critérios de ensino — mudam diversas vezes por ano?

Não me ocupo das respostas, tão clara e fácil me parece ser a sua dedução.

A mudança que vai operar-se com a realização do Plano de Fomento, obriga a olhar este aspecto dum problema em que ele próprio nos induz.

J. M.

## PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22  
Vila Real de Santo António

# UMA AVENTURA MUSICAL

(CONCLUSÃO DA 5.ª PÁGINA)

(ou não ecoaria, quando muito, senão para cá da Serra do Caldeirão) — eis que o perturbante correio me traz um postal cujo teor merece ficar arquivado aqui:

Lisboa, 18 6 53

Meu caro Lopes,

Chegou até aqui a noticia de que você acaba de publicar numa gazeta do Algarve um artigo sobre os bailados que V. musicou. E como a sua exposição no consultorio do Pulido sobre o assunto me interessou sob varios aspectos quero ler esse artigo. Mande-me esse orgão sem demora. Acho extraordinário que V. se não tivesse lembrado dos amigos para lhes dar a saborear esse naco de prosa sinfónica.

Nem o Camara Reis teve dele conhecimento. Só o Aquilino é que teve essa ventura. Mas V. sabe que o Aquilino é um serrano e os unicos sons que lhe interessam são os uivos dos lobos e os silvos da ventania nos penedros da Serra da Lapa. Cá fico à e pera da folha.

Um abraço do amigo velho

Carlos Olavo

Não me explico por que via é que a minha aventureira prosa insonsa teria chegado até ao illustre amigo Aquilino, e, por demais, tão rapidamente, que, surgida aqui em 14, logo em 18 o Olavo ma pudesse reclamar... Mas, como já o Hamlet dizia ao amigo Horacio, há sempre mais coisas no céu e na terra do que a nossa filosofia sonha...

Claro que não deixei de enviar logo o naco I desta aventura, e com ele emparelhei, dado o interesse expresso pela minha prosa sinfónica, a fatia I da outra aventura, a musicológica, connexa, debitada pelo Povo balsense.

Ora, na resposta à carta que com isso lhe enviara, informo-me agora o amigo Olavo: «Devo dizer-lhe que o seu artigo do Notícias do Algarve foi lido em voz alta no cenáculo do Pulido, nesse dia bastante concorrido, que, de resto, reproduzia a conferência que V. ali fez na ultima vez que aqui veio. Todos foram concordes em que V. conservava o mesmo tonus, a mesma vivacidade, a mesma tenacidade com que as salinas fortificam o carácter.

(Vá lá uma pessoa fiar-se nos amigos, para sua tranquilidade!...)

Por outro lado, o jovem amigo lisbonense, nosso conterrâneo, Henrique Tavares Bello, (meu profeta musicológico, pelo seu espontaneo artigo revelador na benemerita Gazeta do Sul, sobre o meu sistema da nomenclatura) escrevia-me logo em 15 6 53 que lera «ontem no bemvindo Notícias do Algarve uma outra «aventura de que eu guardara segredo, pois

não lhe falara nela quando ali estivera»; e pedia-me que o pusesse ao corrente da aventura musicológica que estava publicando no Povo Algarvio...

E numa carta de 27 acrescenta-me em P. S.: «Estive há momentos com o Ruy Coelho, que me pediu para lhe dizer que tem recebido os jornais. Afirmo-me que o sr. Dr. tem sido generoso demais para o Marquês...»

Ora eu não mandei jornais nenhuns ao meu fraterno Coelho. (Anda portanto aqui, alguma pérfida mão oculta a comprometer-me...)

Pois, senhores!... Quando eu já supunha que esta simplória aventura permaneceria um segredo autentico, aqui só para nós, cá neste confim do mundo ocidental (ou não fosse Algharb, de crisma arábica própria, como se sabe), eis que começo a sentir a ameaça da sua divulgação não só urbi, mas mesmo orbi... Sim, porque o meu Billo profeta vai parir proxmamente para Montréal, e, como tenciono dedicar-se lá à musicologia, e «uma vez que sou o seu... profeta» (como me repete), desde já me declaro que o meu sistema de nomenclatura e notação «virá a ser conhecido em todo o universo com a campanha que espeo fazer na América e bem assim os bailados Colombo e Mélos!»

O' vos omnes que ainda estais no cavalheiresco ideal romântico do ter genio e viver ignorado, reparai nesta calamidade e aprendei pois, mais uma vez, o velho proloquio arabe que enuncia a realidade fatalissima: «Enquanto a palavra não sai da boca do homem, é ele senhor dela; depois de ter saído... é ela senhora dele!»

Mas voltemos a Melusina...

Olhão, 5 de Julho de 1953.

Francisco Fernandes Lopes

## Drogaria Algarve

FERRAGENS - DROGAS - TINTAS

Agente de Estanho e Soldas

«MOUQUIM»

TELEFONE 121

R. Dr. Miguel Bombarda, 97

Vila Real de Santo António

## Prédio na Praia de Monte Gordo

VENDE-SE

Frentes para: Rua Gonçalo Zarco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

FACILITA-SE PAGAMENTO

Pedir chave à sr. SÚLPICIA, Rua António Nols, 31—Monte Gordo.

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos

Rua Fernandes da Fonseca, 12 2.º

Telefone 28034 — LISBOA



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda &amp; C.ª L.ª da

R. S. Francisco, 41—Apartado 205—Porto

## Manuel Fernandes Serra

ARMAZÉM DE MERCEARIAS POR ATACADO

Sêmeas, Cereais, Tabacos, Legumes e Frutos Secos do Algarve

Fábrica de Rebuçados Marca IZILDA

MOAGEM DE CAFÉS

Correspondente do BANCO BURNAY

Telo { gramas: SERRAS  
fone N.º 32

APARTADO 7

Rua Miguel Bombarda, 2 a 12  
Rua de Portugal, 1

LOULÉ